SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.
DOI do preprint publicado: https://doi.org/10.9771/ccrh.v39i0.68483

Comunidade e Estado na configuração dos territórios psicotrópicos da Preguiça e do Pela Porco, no Centro de Salvador

Urpi Montoya Uriarte, Edicarla Macêdo da Rocha

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Submetido em: 2026-07-20
Postado em: 2026-07-21 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Caderno CRH
Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos e Pesquisas em Humanidades da Universidade Federal da Bahia
ISSN 0103-4979 (versão impressa) ISSN 1983-8239 (versão on-line)

ARTIGO

Comunidade e Estado na configuração dos territórios psicotrópicos da Preguiça e do Pela Porco, no Centro de Salvador

Urpi Montoya Uriarte[1]
Edicarla Macêdo da Rocha[2]

Resumo

Este artigo descreve e analisa as diferenças e semelhanças entre os territórios psicotrópicos de dois bairros do Centro de Salvador, Preguiça e Pela Porco. Os dados apresentados são fruto de um trabalho de campo etnográfico de longa data realizado pelas autoras em ambos os bairros, assim como da aplicação neles de um mesmo questionário, num número semelhante de usuários. Concluímos que quanto maior é a coesão dos moradores refletida em uma organização comunitária dentro do bairro, menor é a força do território psicotrópico nele; concluímos também que a maior presença do Estado nele não garante uma condição social e emocional minimamente digna, nem para os usuários nem para os moradores. A recomendação a partir da análise em profundidade dos dois casos é que as políticas públicas de redução de danos nos territórios comunitários deveriam ser pensadas desde e executadas com as experiências de convívio humanizado e recíproco entre "moradores com casa e moradores sem casa".

Palavras-chave

Territórios psicotrópicos, comunidade da Preguiça, Pela Porco, usuários, centro de Salvador.

Community and State in the configuration of the psychotropic territories of Preguiça and Pela Porco, in the center of Salvador

Abstract

This article describes and analyzes the differences and similarities between the psychotropic territories of two neighborhoods in Centro de Salvador, Preguiça and Pela Porco. The data presented is the result of long-standing ethnographic fieldwork carried out by the authors in both neighborhoods, as well as the application of the same questionnaire to a similar number of users. We concluded that the greater the cohesion of the residents reflected in a community organization within the neighborhood, the less power the psychotropic territory has in it; we also concluded that the greater presence of the state in it does not guarantee a minimally dignified social and emotional condition, neither for the users nor for the residents. The recommendation based on the in-depth analysis of the two cases is that public policies for harm reduction in community territories should be designed and implemented based on experiences

[1]Universidade Federal da Bahia. Rua Professor Aristídes Novis, nº 197, bairro Federação (Campus São Lázaro). CEP: 40210-630, Salvador – BA - Brasil. urpi.montoya@ufba.br
https://orcid.org/0000-0002-8135-7559
[2] Universidade Federal da Bahia. Rua Professor Aristídes Novis, nº 197, bairro Federação (Campus São Lázaro). CEP: 40210-630, Salvador – BA - Brasil. eddicarla@gmail.com
https://orcid.org/0009-0003-2927-0506

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

of humanized and reciprocal coexistence between “residents with homes and residents without homes”.

Keywords

Psychotropic territories, community of Preguiça, Pela Porco, crackhead, center of Salvador.

Comunidad y Estado en la configuración de los territorios psicotrópicos de Preguiça y Pela Porco, en el centro de Salvador

Resumen

Este artículo describe y analiza las diferencias y similitudes entre los territorios psicotrópicos de dos barrios del centro de Salvador, Preguiça y Pela Porco. Los datos presentados son el resultado de trabajo de campo etnográfico de larga duración realizado por las autoras en ambos barrios, así como de la aplicación del mismo cuestionario a un número similar de usuarios. Se concluye que cuanto mayor es la cohesión de los vecinos reflejada en una organización comunitaria dentro del barrio, menor es el poder que el territorio psicotrópico tiene en él; también se concluye que la mayor presencia del estado en el mismo no garantiza una condición social y emocional mínimamente digna, ni para los usuarios ni para los vecinos. La recomendación basada en el análisis en profundidad de los dos casos es que las políticas públicas de reducción de daños en los territorios comunitarios debieran diseñarse desde e implementarse a partir de experiencias de convivencia humanizada y recíproca entre «habitantes con casa y habitantes sin casa».

Palabras-clave

Territorios psicotrópicos, comunidad de Preguiça, Pela Porco, usuarios de crack, centro de Salvador

INTRODUÇÃO

Este artigo descreve e analisa os territórios psicotrópicos de dois bairros do Centro de Salvador, a Preguiça e o Pela Porco, buscando apreender e explicar suas diferenças e semelhanças. A análise comparativa nos permitiu, de um lado, evidenciar o papel crucial da união e da organização comunitária na conformação de um espaço humanizado e solidário, onde a habitual separação ou oposição entre usuários e habitantes foi substituída por uma distinção original entre “moradores com casa e moradores sem casa” (Suzany, habitante da Preguiça). Por outro lado, pudemos constatar que a presença maciça do Estado em um território psicotrópico não

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

garante melhores condições de vida, nem para os usuários, nem para os moradores. Os dados aqui apresentados nos permitem afirmar que, nos territórios comunitários, as políticas públicas de prevenção de danos[3] poderiam ser mais eficientes se não contassem apenas com os atores estatais, mas trabalhassem com o conjunto de moradores, partindo das relações e laços que eles mantêm com os usuários e do conhecimento que construíram ao longo do tempo. Em bairros onde a organização comunitária foi fatalmente atingida, parece-nos que o incentivo e o apoio do Estado à união e às organizações locais deveria ser um objetivo estratégico, para que estes não sejam absorvidos pelos territórios psicotrópicos.

Chamamos de territórios psicotrópicos os "lugares urbanos onde é visível a ocorrência de atividades ligadas às drogas" (Fernandes, 1997, p. 56; Fernandes; Mata, 2019). Esta categoria emergiu da pesquisa realizada por Luís Fernandes, na década de 1990, no interior dos chamados "bairros das drogas" da cidade do Porto, em Portugal. Em contraste com a visão externa predominante, que via o bairro inteiro de maneira homogênea como um espaço para a venda e o consumo de drogas, o autor evidencia, a partir da visão dos moradores destes bairros, que, para eles, o espaço se constituía de diversos micro espaços (normativos e desviantes, abertos e fechados etc.). Fernandes (1997) denominou, então, "territórios psicotrópicos" o conjunto de micro espaços de venda e consumo de drogas localizados dentro dos bairros de habitação social, onde moravam populações vulnerabilizadas e onde, devido à sua pouca visibilidade social, os usos ilícitos eram tolerados. O autor expôs o funcionamento destes territórios: interações múltiplas e mínimas, regidas pelo código da discrição de olhares e gestos, em constante desarticulação e rearticulação.

[3] A política pública de prevenção de danos busca minimizar os impactos negativos do uso de substâncias psicoativas na saúde e na vida social do indivíduo, no intuito de promover a inclusão social e a garantia de direitos dos usuários.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Desde sua formulação, territórios psicotrópicos se tornou uma categoria reiteradamente usada entre aqueles que pesquisam espaços, usuários e usos de substâncias psicoativas. Em São Paulo, Raupp e Adorno (2015, p. 805) propuseram entender o território psicotrópico como "um local em que se desenvolvem práticas ligadas à venda e uso de drogas, estando espacial e socialmente à margem da cidade normatizada e comumente ligado a lugares de exclusão social, sendo alvo frequente de repressão policial e de estigmatização social".

Entretanto, com as pesquisas realizadas desde então, foi possível distinguir espaços no interior dos próprios territórios psicotrópicos. Luana Malheiro propõe uma distinção entre "cenas", que seriam "espaços de uso de crack", e "pistas", que seriam "espaços de venda de crack que se desfazem sempre que há conflito com a polícia ou com outros donos de pontos" (Malheiro, 2018, p. 18). Cenas e pistas possuem, portanto, dinâmicas diferentes, sendo as cenas muito mais do que um conglomerado de pessoas consumidoras; elas são, segundo Malheiro (2020, p. 120), "uma micro totalidade de sentido, um espaço no território urbano que agrega uma rede de relações sociais configuradas a partir da prática do uso e venda de crack". É precisamente para esta rede de relações sociais, no interior de cenas, territórios psicotrópicos e bairros do Centro de Salvador, que voltamos nosso olhar neste artigo.

Chamamos de Centro de Salvador a área antiga da cidade (anterior ao século XX), em que o uso residencial convive com a concentração de uma grande variedade de comércio e serviços, frequentados principalmente pela população de renda média-baixa e baixa. Quando se fizer necessário certa precisão geográfica, recorreremos à linguagem oficial que delimita o Centro Histórico de Salvador (CHS) e o Centro Antigo de Salvador (CAS)[4].

[4] O CHS é uma poligonal cujos limites foram fixados em 1984 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que abarca um espaço de menos de 1 km^2. O CAS é uma denominação mais recente (dos anos 2000), empregada pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER) para se referir à área de 7 km² que inclui grande parte do que fora a cidade até meados do século XX (o CHS e os bairros Centro, Barris, Tororó, Nazaré, Saúde, Barbalho, Macaúbas, parte da Liberdade, Santo Antônio e Comércio). Ambas as

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Apesar de serem muitos os atores destes espaços (Estado, tráfico, igrejas, ONGs, moradores etc.), nossa descrição e análise se concentra nos usuários. Esta categoria designa pessoas que consomem substâncias psicoativas (principalmente crack) de forma reiterada e duradoura. Eles passam grande parte de suas vidas nas ruas e vivem delas, catando materiais recicláveis e/ou prestando serviços esporádicos a moradores e/ou comerciantes das áreas que frequentam. Costumam ser chamados pejorativamente de "sacizeiros", "sacis" ou "cracudos". Os moradores da comunidade da Preguiça empregam o termo usuário como uma forma respeitosa de se referir a eles, seguindo o vocabulário dos programas de redução de danos e serviços de tratamento, que criaram esta denominação para aqueles consumidores que faziam um uso controlado do crack (Malheiro, 2013, p. 269). No caso do Pela Porco, a denominação se alterna entre maloqueiros e usuários: nas situações em que é conveniente ser percebido como usuário pelos serviços estatais ou pela sociedade civil, eles assumem essa identidade; por outro lado, ao nomearem uns aos outros ou quando são referidos por pessoas mais próximas da cena de uso, o adjetivo utilizado é o de "maloqueiro" ou "maloca"[5].

Os dados apresentados neste artigo advêm de um trabalho de campo de longa duração realizado nos dois bairros. Urpi Montoya Uriarte realiza um trabalho de pesquisa e extensão na área da Preguiça desde 2018[6]. Já no Pela Porco, Edicarla Macêdo da Rocha atuou, desde 2017, na equipe de extensão do Programa Corra pro Abraço[7], e, como pesquisadora, no período entre

categorias foram criadas com finalidades administrativas específicas, ligadas às políticas de conservação do patrimônio edificado e execução de políticas públicas para a valorização dos investimentos em turismo e lazer.

[5] Maloca é o termo nativo empregado pelos usuários para se referirem ao espaço ocupado por eles, seja a cena de uso, seja o local onde organizam suas "coisas" (pertences de uso pessoal e coletivo, tais como as barracas de papelão e lençóis montadas e desmontadas diariamente).

[6] Frutos desse trabalho são o relatório do Censo da Gente para a Gente (Montoya Uriarte et al., 2020a) e a Cartilha do Censo (Montoya Uriarte et al., 2020b), assim como o livro *Habitantes da Preguiça* (Montoya Uriarte et al., 2023) e os artigos "Os tempos da Preguiça" (Montoya Uriarte, 2022) e "Mobilidade e território. Uma análise destes temas entre os usuários de crack que frequentam a Ladeira da Preguiça, no Centro de Salvador" (Montoya Uriarte, 2024).

[7] O Corra pro Abraço é um programa do Estado da Bahia, inicialmente inserido na Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social - SJDHDS/BA - e hoje parte da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social - SEADES/BA. O programa atende pessoas em situação de vulnerabilidade social, em situação de rua, egressos do sistema de justiça e jovens em situação de risco social, com o objetivo de promover cidadania e garantir direitos. Baseado nas estratégias de Redução de Danos físicos e sociais, este programa assiste pessoas que fazem

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

2021 e 2024[8]. Nos dois locais foram realizados trabalhos de campo etnográfico e aplicados o mesmo questionário, elaborado pela equipe de pesquisa coordenada por Urpi Montoya Uriarte na área da Preguiça. A utilização posterior do mesmo questionário na investigação de Edicarla Macêdo da Rocha, na área do Pela Porco, permitiu comparação realizada neste artigo.

Na Preguiça, foram aplicados 15 questionários em usuários e 5 em usuárias, número que corresponde a aproximadamente ¼ do universo total dos frequentadores da área. No Pela Porco, foram 18 questionários, sendo 6 com mulheres e 12 com homens; a amostra também corresponde a ¼ dos frequentadores desse local. É importante frisar que os questionários foram aplicados por pessoas já conhecidas pelos usuários: no Pela Porco, foi a própria Edicarla Macêdo da Rocha; na Preguiça, por Suzany Varela, moradora do local, estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, membro do Centro Cultural Que Ladeira é Essa? e parceira na pesquisa e extensão realizadas na área por Urpi Montoya Uriarte. A familiaridade entre pesquisadores e respondentes permitiu o acolhimento desse instrumento de pesquisa, assim como a compreensão e o respeito dos silêncios dos usuários ou, em outros casos, o questionamento de certas respostas que não condiziam com o que se conhecia de antemão sobre a área.

Nas páginas a seguir, pretendemos descrever e analisar comparativamente as cenas de uso, o território psicotrópico e os bairros da Preguiça e do Pela Porco, com o intuito de mostrar o que têm em comum e, ao mesmo tempo, entender as suas especificidades. Acreditamos que analisar estes espaços em sua complexidade é essencial para desenvolver e realizar políticas públicas eficientes e humanas. O artigo se compõe de duas seções. Na primeira, em que descrevemos as

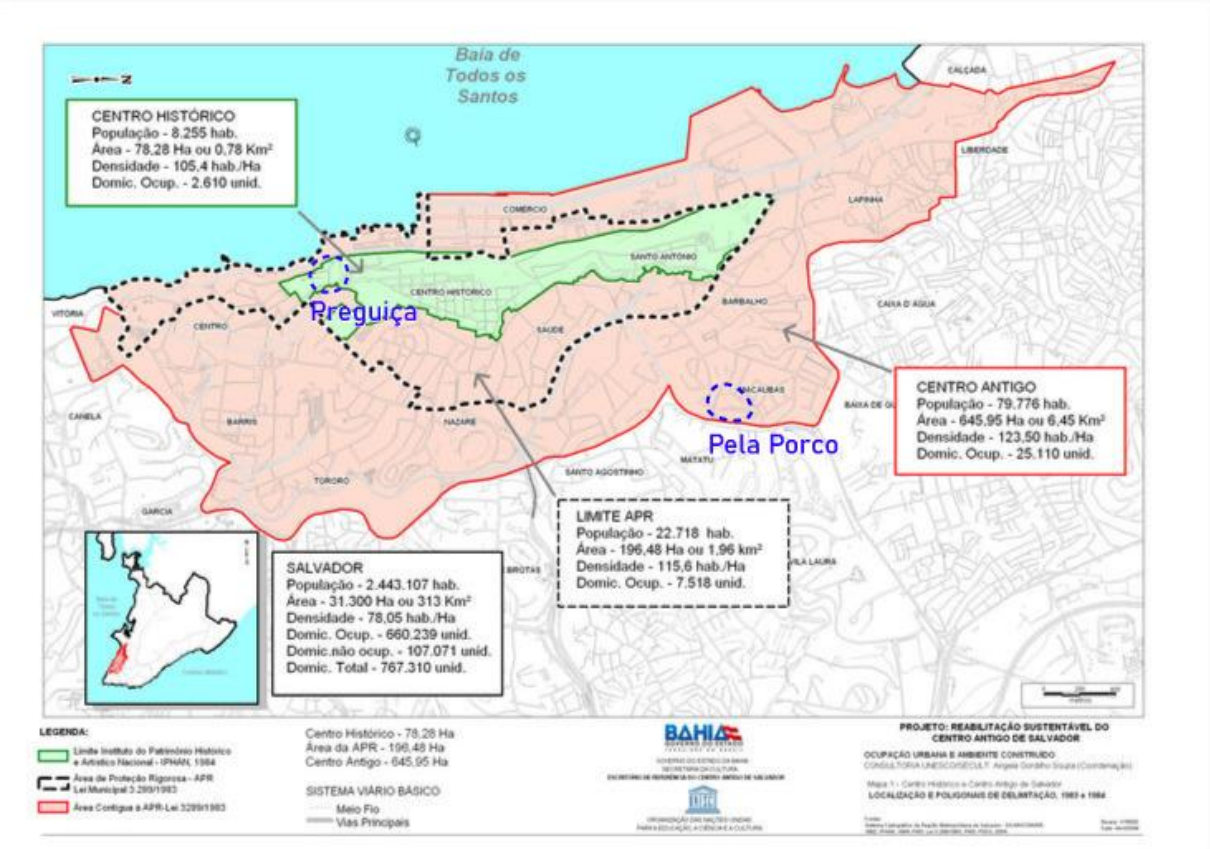
uso abusivo de drogas em contextos de vulnerabilidade ou pessoas afetadas por problemas relacionados à criminalização das drogas.

[8] Em 2024 defendeu a dissertação *A Maloca do Pela Porco: dinâmicas de sobrevivência de usuários-catadores num espaço do centro de Salvador*, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFBA. Em 2020 publicou seu Trabalho de Conclusão de Curso, *Mulheres vulnerabilizadas: percepções de violência em contexto de rua num território de Salvador/BA.*

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

semelhanças entre os bairros, começamos apresentando as correspondências no que diz respeito ao espaço mais amplo em que se inserem (bairros), as histórias de marginalização social e o espaço físico onde se localizam. Apontamos, depois, as equivalências no perfil de seus usuários, suas atividades e percursos, assim como as violências sofridas por eles. Indicamos, também, os atores presentes em ambas as cenas, o tráfico, os moradores, os comerciantes, a Igreja Batista e os usuários. Na seção seguinte, passamos à exposição das diferenças entre os bairros: em primeiro lugar, salientamos os contrastes em relação à sua extensão, o tempo e o nível de coesão dos moradores; em segundo lugar, analisamos as distâncias no que diz respeito à organização interna e à auto identificação dos habitantes; por último, destacamos os contrastes em relação à articulação entre os níveis local e supralocal. Nas palavras finais, retomamos os principais achados e apresentamos as conclusões mais importantes.

SEMELHANÇAS ENTRE OS BAIRROS, TERRITÓRIOS PSICOTRÓPICOS E "CENAS" DA PREGUIÇA E PELA PORCO



SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Figura1. Intervenção destacando os bairros Preguiça e Pela Porco no Mapa do Centro Antigo de Salvador e Centro Histórico de Salvador. Fonte: Gordilho, 2010, p. 75-76.

Embora sejam diferentes na visibilidade e no tamanho das duas cenas, assim como na antiguidade dos bairros em que se situam, os territórios psicotrópicos da Preguiça e do Pela Porco guardam semelhanças importantes. A começar pela localização periférica na região central de Salvador: a Preguiça se localiza nas margens do CHS e o Pela Porco na periferia do CAS. Por outro lado, ambas partilham a mesma história de marginalização social, decorrente da presença de estigmas sociais, tais como os "bregas" (prostíbulos), na Preguiça, e as "invasões"[9], no Pela Porco. Em terceiro lugar, encontramos nas duas regiões o mesmo perfil de usuários. Por fim, as duas cenas compartilham igualmente a presença e a ação importante da Igreja Batista e do tráfico de drogas.

Comecemos apresentando a localização e as características dos bairros da Preguiça e do Pela Porco. A Preguiça é um micro bairro composto por uma ladeira e suas áreas adjacentes, geograficamente localizado no perímetro do CHS. Esta localização periférica a manteve às margens do processo maciço de reforma do Centro Histórico, que, nos anos 1990, acabou expulsando a grande maioria da população pobre e negra que ali residia; mas, também, a excluiu das melhorias de infraestrutura, assim como da rota de visitação dos turistas. Trata-se de uma área muito antiga da cidade: segundo Vilhena (1969), no final do século XVIII toda a ladeira já estava edificada. O velho casario se compõe, em sua maior parte, de edificações térreas e de dois pavimentos, cujo uso é majoritariamente residencial, sendo o comércio formal muito reduzido (um bar e um mercadinho), primando o comércio miúdo e informal (moradores vendendo produtos em mesas improvisadas ou dentro de suas casas).

[9] Termo pejorativo dado pelo Estado às ocupações não regulamentadas em áreas de Salvador.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Segundo o Censo da Gente para a Gente (Montoya Uriarte et al., 2020a), a comunidade da Preguiça se compõe de 63 unidades familiares, totalizando aproximadamente 180 pessoas[10], que vivem com escassos recursos, muitas em situação de vulnerabilidade. Em 2019, uma parte importante de sua população estava desempregada (1/4 dos 94 responsáveis e corresponsáveis), metade dos empregados trabalhavam na informalidade, um pouco mais da metade (51 de 94) recebia entre 1/2 e 1 salário-mínimo, e 25 recebiam de 1 a 2 salários-mínimos; somente 13 indivíduos eram beneficiários do programa Bolsa Família. Mais da metade (54 de 94) se declarava autônoma; destes, praticamente a metade (24) se compunha de vendedores de rua, fixos e/ou ambulantes, sendo que quase todos eles exerciam suas atividades no Centro de Salvador (23).

Até pouco tempo atrás, a Preguiça era um local praticamente desconhecido pela grande maioria da população de Salvador[11]. Sua atual e ocasional frequentação, no entanto, não modifica substancialmente o fato de ser uma parte socialmente marginalizada da cidade, por onde circulam quase exclusivamente os moradores dos arredores e carros desviam seu caminho para evitar as ladeiras mais frequentadas (Ladeira da Conceição e Ladeira da Montanha). Os turistas que visitam a vizinha Praça Castro Alves não se atrevem a descer pela Gameleira e adentrar a ladeira da Preguiça. Assim, mesmo localizada no Centro, a Preguiça é o que Shields (apud Fernandes, 1997, p. 165) chama de "espaços marginais", no sentido de terem "sido colocados na periferia de sistemas culturais de espaço, nos quais os lugares são ordenados uns em relação

[10] Este número já foi muito maior, vendo-se reduzido desde a década de 1990 pelo desabamento sucessivo de diversos casarões que abrigavam centenas de habitantes morando em cubículos chamados cortiços (nos dias atuais, apesar das habitações continuarem pequenas, não se verifica mais este tipo de habitação). Outro fator que explica a diminuição constante de habitantes é a especulação imobiliária que retira os moradores e deixa os imóveis vazios.

[11] Esta situação vem mudando nos últimos 10 anos, a partir do esforço dos seus moradores, agrupados no Centro Cultural Que Ladeira é Éssa?, fundado em 2013. Mediante a pintura das fachadas, o grafite e a recuperação da festa tradicional pré-carnavalesca Baile de Mar à Fantasia, o Centro Cultural tem conseguido reinserir a Preguiça na frequentação da classe média, mesmo que momentânea, nesta parte do CHS. Para maior detalhamento desta reinserção, ver Montoya Uriarte, 2022.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

aos outros. Todos eles carregam a imagem e o estigma de sua marginalidade, que se torna indistinguível de qualquer identidade básica que alguma vez possam ter tido".

Esta marginalização aconteceu ao longo do século XX, na medida em que foram se instalando muitos prostíbulos na área da Gameleira e nas ladeiras próximas da Conceição e da Montanha. A Preguiça passou a ser vista e chamada de "zona" ou "mangue", pelos muitos "bregas" que aí funcionavam e faziam parte do cotidiano dos moradores. Paralelamente, foi se consolidando o estigma de "bairro de ladrões" e, finalmente, de área de "traficantes", que, segundo os moradores, ingressaram na década de 1990, transformando a área em uma espécie de "cracolândia" (Montoya Uriarte et al., 2023).

Os usuários transitam por toda a ladeira, subindo e descendo, pois os locais que frequentam estão espalhados pela região (a igreja, o Ferro Velho, os ambulantes e as "pistas"). As cenas de uso se encontram nas partes baixa (escadaria) e alta, nos muitos e velhos casarões abandonados ou em ruínas (o Censo da Gente para a Gente contabilizou 53 imóveis na Preguiça, sendo 1/3 deles desabitado; em 2019, eram 10 os imóveis em ruínas).

Passemos agora para o bairro do Pela Porco. Assim como a Preguiça, trata-se de um bairro popular[12], autoconstruído na década de 1960, na parte traseira do local onde funcionou o primeiro terminal rodoviário da capital, inaugurado em 1963. Sua localização na periferia do CAS, isto é, nas margens da cidade moderna que cresceu ao longo do século XX, explica o tipo de construção que encontramos na parte baixa do bairro, que não guarda traços da cidade colonial. Nela se situa uma ampla avenida, a rua Cônego Pereira, constantemente reformada (a última reforma inseriu uma ciclovia no canteiro central), onde se instalaram, no passado, comércios de grande dimensão e instituições importantes. Esta rua, onde se encontra a cena do

[12] Definimos bairro popular como aquele feito a partir de quatro principais práticas sociais: "as práticas multiusos, de apropriação, de autoconstrução e de negociação, tidas como causa e efeito do emaranhado de relações (rede) que se verificam neste espaço" (Montoya Uriarte, no prelo, 2025).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Pela Porco, é uma via importante de Salvador, que dá acesso à entrada e saída de vários bairros (como Brotas, Macaúbas, Cidade Baixa, dentre outros) e da própria cidade (acessando a BR 324).

A ocupação e autoconstrução do Péla – como é familiarmente designado pelos seus moradores – foi realizada em grande parte por migrantes vindos do interior da Bahia e de outros estados do nordeste brasileiro (Freitas, 2003). Deve seu nome ao fato de ter sido um local dedicado ao abatimento dos porcos vendidos na feira de Sete Portas, fundada em 1941, que fica a poucos metros do bairro. Mais tarde, o lugar foi formalmente rebatizado de Alto da Boa Esperança, uma denominação que não vingou. No presente, todas as casas estão ligadas à rede de esgoto, contam com água tratada e possuem ao menos um banheiro. Segundo o IBGE (2022), sua população é de quase 3.500 pessoas, distribuídas em 1.290 domicílios, dos quais 90,78% são casas. Segundo dados oficiais, 42,51% de seus moradores se declaram pessoas pretas, 46,56% pardas e 10,25% brancas. Os homens conformam 45,21% da população do Pela Porco e as mulheres 54,79%. Não contamos com dados socioeconômicos desagregados para a área do Pela Porco, mas podemos afirmar que pouco mudou desde a descrição do bairro feita por Maria do Carmo Freitas (2003, p. 109), como um "local de pobreza latente", em que "o vazio de projetos gera a submissão às drogas e a sucessão de imagens que transformam o contexto da pobreza na mais terrível condição humana".

Foram a pobreza e as características de bairro popular que estigmatizaram a área e levaram ao abandono dos grandes equipamentos públicos instalados na parte baixa (o terminal rodoviário foi desativado em 1974). Hoje, no local, funcionam um mercado de hortifrúti e um supermercado privado (que, no entanto, conserva o nome do anterior supermercado público, Cesta do Povo). Atrás da antiga rodoviária encontram-se um distribuidor de flores naturais e diversas oficinas (de carros, de refrigeração etc.), além de pequenos bares, restaurantes e comércios de peças em geral. Do outro lado da rua, no entorno da cena de uso, o comércio é

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

mais variado e se estende ao longo da via até o mercado Sete Portas: dois hotéis, um distribuidor de produtos cosméticos, um sindicato de classe (Sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras da limpeza pública e terceirizados da Bahia - SINDILIMP), uma barbearia, um ferro velho, um carro de lanche, um posto de gasolina e uma casa de material de construção. Vale salientar que o comércio nesta área da cidade já foi mais pulsante e com um público heterogêneo advindo não apenas de outros bairros da cidade, mas também da região metropolitana de Salvador. O fechamento e a mudança de serviços públicos para outros locais da cidade (notadamente o posto do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS e a rodoviária), assim como a reorganização do transporte público, estão dentre as principais razões que explicam o comércio atual voltado exclusivamente para os setores populares.

A população em situação de rua e usuários de crack transitam por toda a localidade, mas se concentram na parte baixa, mais especificamente na marquise do prédio antigo, em desuso, onde funcionava o INSS. Esta é a cena de uso do Pela Porco.

Embora com dimensões distintas, com visibilidades diferenciadas e volume comercial contrastante, a Preguiça e o Pela Porco partilham o fato de serem espaços residenciais de uma população majoritariamente pobre e preta. Ambas estão localizadas na periferia, seja do CHS e ou do CAS, tendo sido marginalizadas pelos poderes públicos e pela opinião pública, uma pela presença dos muitos “bregas”, a outra por ser uma “invasão”. Nos dois espaços surgiram territórios psicotrópicos nos anos 2000, nos quais proliferaram cenas de uso localizadas em espaços abandonados pela especulação imobiliária ou pelo encerramento de atividades de órgãos públicos.

Descreveremos agora as equivalências no que diz respeito ao perfil de seus usuários. A Preguiça e o Pela Porco têm um número (aproximado) semelhante de usuários, algo entre 50 e 100 pessoas, segundo os respondentes. Eles ficam espalhados, andando pela área, comprando

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

cigarros, água ou substâncias psicoativas, vendendo materiais recicláveis, dormindo nas ruas ou consumindo crack, maconha ou álcool.

As cenas de uso na Preguiça se encontram espalhadas: na parte alta, nas ruínas da Gameleira; na parte baixa, nas escadarias que ligam a Cidade Baixa à Alta, na fonte da Preguiça e nas imediações do Ferro Velho. Poucos consomem muito abertamente em outros locais do bairro. Já no Pela Porco, a cena de uso se estende em plena via pública (na rua Cônego Pereira), ao longo da marquise do antigo prédio do INSS. Como esta estrutura oferece só um teto para os usuários, pois não há paredes laterais que os protejam das intempéries climáticas ou ofereçam algum tipo de privacidade, eles improvisam barracas de lençóis, sustentadas com ganchos feitos de cordão, restos de fios de energia e qualquer outro tipo de material encontrado quando circulavam em busca de material reciclável a ser vendido no Ferro Velho local.

Nas duas cenas, há um predomínio de usuários masculino: 12 de 18 no Pela Porco e 14 de 20 na Preguiça. Em termos de idade, a maioria tem mais de 30 anos: na Preguiça, 15 de 20 se encontram nesse grupo, e, no Pela Porco, 12 de 18. No que diz respeito à identificação racial, o grupo de pardos e pretos é o majoritário, somando 17 dos 20 entrevistados na Preguiça e a totalidade no Pela Porco (18 de 18). Nesta última localidade, a grande maioria (15 de 18) se considera “morador de rua” ou “em situação de rua”; na Preguiça, 15 dos 20 entrevistados se identificam nessa mesma situação. Estes três dados coincidem, assim, com a última pesquisa da população em situação de rua (Vezedek et al., 2023), que afirma que a maioria é formada por homens (77%), negros (64%) e pardos (29%) e na idade adulta (81%).

Pergunta	**Pela Porco (18)**	**Preguiça (20)**
Quantos(as) usuários(as) de drogas você acha que frequentam a Preguiça/Pela Porco?	14 entre 50 e 100 3 menos de 50 1 não soube responder	12 entre 50 e 100 5 mais de 100 3 menos de 50
Gênero	12 homens 6 mulheres	15 homens 5 mulheres

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Idade	8 mais de 40 anos 5 entre 20 e 30 anos 4 entre 30 e 40 anos 1 menos de 20 anos	15 mais de 30 anos 4 entre 20 e 30 anos 1 menos de 20 anos
Autoidentificação racial	9 preto 9 pardo	7 preto 10 pardo 1 branco
Há quanto tempo é "usuário (a)"?	3 entre 1 e 5 anos 3 entre 5 e 10 anos 12 mais de 10 anos	16 mais de 10 anos 1 entre 5 e 10 3 entre 1 e 5
O que você consome? (Múltipla escolha - até 3) principais	18 crack 13 álcool 13 tabaco 11 maconha 4 cocaína 1 cola	20 crack 16 cigarro 15 pacaia[13] 9 maconha 8 cachaça

Tabela 1. Questionário aplicado na Preguiça e no Pela Porco. Fonte: Elaboração das autoras, 2025.

Nas cenas aqui analisadas, a substância consumida por 100% dos usuários é o crack, porém, sem excluir outras, como cigarro, pacaia, maconha e cachaça. O crack é uma substância derivada da cocaína, à qual se acrescentam outros elementos; farmacologicamente, enquanto a versão que pode ser comida, cheirada ou dissolvida em água e injetada é um hidrocloreto de cocaína, o crack, feito para ser fumado, é uma composição que adiciona uma substância alcalina ao pó de cocaína. Ambas estão na classe das drogas estimulantes do sistema nervoso central, cujo consumo faz o usuário se sentir mais desperto, alerta, confiante, atributos que são indispensáveis para a sobrevivência na rua, sobretudo durante a noite, quando os episódios de violência, incluindo atentados contra a vida, são mais recorrentes.

Com mais de 10 anos de consumo (16 de 20 na Preguiça e 12 de 18 no Pela Porco), o perfil predominante é de usuários experientes, cuja "carreira" (Becker, 2008) lhes permitiu aprender as técnicas de produção e percepção dos efeitos desejados na droga. Os usuários da Preguiça e do Pela Porco deixaram há muito tempo de ser "noviços" – aqueles que aprendem com os usuários mais experientes a dosagem, a qualidade e as combinações que potencializam ou reduzem os efeitos da droga. O tempo para se tornar usuários experientes lhes oferece a possibilidade de formar uma *communitas* espontânea (Alves, 2017), na qual se organizam em

[13] Pacaia é o nome dado ao cigarro feito das folhas de fumo desfiado.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

torno do uso do crack e lhes permite suportar as adversidades que seus corpos enfrentam, pertencer a um grupo social e compartilhar experiências e sentidos comuns.

Tanto na Preguiça (18 de 20) quanto no Pela Porco (15 de 18), a maioria dos usuários disse dormir na rua. Entretanto, na Preguiça, um número significativo (12 de 20) afirmou dormir também em casas particulares, o que pode indicar uma rede maior de amigos, parentes e conhecidos. Com efeito, 5 dos 20 usuários da Preguiça são "crias" do local, isto é, nasceram e cresceram com a comunidade de moradores, uma relação que permite que a rua não seja a única alternativa para dormir. Já no Pela Porco, apenas 2 responderam dormir também em casas particulares. Vale salientar o reduzido número de usuários que, nas duas cenas, disse fazer uso de instituições para pernoitar e tomar banho. São locais públicos (fontes, praia etc.) os mais usados para o asseio, tendo apenas 2 usuários indicado instituições na Preguiça e 6 no Pela Porco.

Se dormir e tomar banho são realizados em locais majoritariamente públicos, a alimentação é garantida principalmente pela doação. Dentre os doadores, as igrejas aparecem em primeiro lugar. No caso da Preguiça, a atuação central é da Cristolândia, um programa ligado à Igreja Batista, que assiste os usuários com serviços básicos, mas também como comunidade terapêutica. As moradoras Eliane e Ruth assim se referem a sua atuação na Preguiça:

> A Igreja Batista dá almoço todos os dias aqui na rua. Eles não deixam de praticamente todos os dias trazer almoço para os moradores de rua. Meio-dia fica lotado aqui na frente do Museu de Arte Sacra, umas filas enormes, porque eles vêm para comer. Pela manhã, quando está aberta, eles vêm para tomar um banho, trocar de roupa, fazer a higiene pessoal e meio-dia para o almoço. (Eliane)
>
> Tem a igreja aqui, a Cristolândia, que dá almoço três vezes na semana. Duas vezes na semana dão café da manhã. Forma fila aqui, tanto dos usuários daqui, como de pessoas que vêm lá de cima, do Dois de Julho, da Piedade, da Castro Alves. Eles fornecem 70, 80 quentinhas, café com pão. Tem pessoas da igreja que também vêm aqui à noite com carro, servem café para eles. (Ruth)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

No Pela Porco, há uma outra ação da Igreja Batista, o Projeto Metanoia, que funciona em um imóvel ao lado do Ferro Velho. De segunda a sábado, o Projeto distribui um copo de café com pão. Forma-se uma fila na frente do portão e os "meninos da casa"[14] fazem a distribuição sob a gerência do Pastor. Após o café, é permitido o acesso ao banho e o uso do sanitário dentro da casa. Quando necessário, o Projeto disponibiliza roupas limpas e cobertores. Além da oferta de alimentos, todas as sextas-feiras pela manhã, após o café, acontece o corte de cabelo e da barba para os homens; às terças-feiras, no fim da tarde, são distribuídos abarás com um copo de suco, que o Projeto recebe de doação de terceiros (antes da repartição, acontece uma roda de oração e cânticos religiosos). Todo fim de ano, antes do Natal, tanto na Cristolândia quanto no Metanoia, se realiza uma grande ceia, onde mesas são dispostas na rua e muitos voluntários da Igreja colaboram na produção e na distribuição dos alimentos.

O comércio local é muito importante para a sobrevivência dos usuários. É nele que compram lanches, água, cigarros e isqueiros. Na Preguiça, além do bar de Paulo Rasta e da quitanda de Paulinho Tubarão, há muitos moradores (Biscoito, Bobó, Michele, Dona Maria, dona Dete, a falecida dona Diva, Mayara etc.) que, em tabuleiros improvisados (chamados de "guias"), vendem os produtos essenciais para os usuários. São muitos também os moradores que instalam uma pequena venda dentro de casa, atendendo os clientes pela janela. A relação entre estes pequenos comerciantes e os usuários costuma ser familiar, pela assiduidade de compra e venda.

Já no entorno da cena do Pela Porco, funcionam, como já mencionamos, mais e variados tipos de comércio (uma barbearia, uma distribuidora de cosméticos etc.). São importantes para os usuários o depósito de material de construção (onde podem eventualmente trabalhar por uma diária), o posto de gasolina (onde podem usar o banheiro, tomar banho e pegar água) e um carro de lanches, que funciona como a mercearia da maloca, onde compram café, salgadinhos, bolo,

[14] Forma como o Pastor se refere às pessoas que moram na casa do projeto Metanoia, que só recebe homens para tratar do "vício em drogas".

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

pão misto, hambúrguer, assim como cigarros, cachaça, cerveja, seda para cigarro, pacaia etc. O dono do carro de lanches – que chamamos aqui de Mestre – assemelha-se ao dono do Ferro Velho: ambos mantêm com os usuários relações para além da troca comercial. Mestre aceita vender fiado ou com dinheiro incompleto, além de emprestar dinheiro aos bons pagadores; além disso, recebe recados e disponibiliza seu telefone para que eles façam e atendam ligações.

Pergunta	**Pela Porco (18)**	**Preguiça (20)**
Você se considera "morador(a) de rua" ou "em situação de rua"?"	15 sim	12 sim
Onde você dorme? (pergunta de múltipla escolha)	15 rua 3 casas	18 rua 12 casas
Onde você toma banho com mais frequência?	3 Projeto Metanoia 3 Centro POP 3 depósitos de material de construção 3 casas de particulares 4 posto de gasolina 1 pousada 1 Ladeira da Fonte	12 fontes 2 praia 2 instituições 4 casas de particulares.
Como você mais consegue se alimentar?	3 comprando 16 recebendo marmita doada	4 comprando 4 trocando por serviço 5 doação de instituição – Igreja 1 doação de instituição – POP 3 marmita doada por moradores 3 outros

Tabela 2. Questionário aplicado na Preguiça e no Pela Porco. Fonte: Elaboração das autoras, 2025.

A ocupação principal relatada pelos usuários da Preguiça (14 em 20) é a de catador de materiais recicláveis, seguida da mendicância (8 em 20). Dentre os 14 que afirmam recolher materiais recicláveis, o Ferro Velho da Preguiça é um importante ponto de venda do material, sendo o principal ponto de venda para 6 dos respondentes. O recolhimento de materiais recicláveis se concentra na área que vai da Preguiça até a Lapa, passando pelo Dois de Julho e a Gamboa. Trata-se de um percurso que raramente inclui a Baixa dos Sapateiros, o Sete Portas, a Avenida Sete, o Comércio, o Politeama e a Vitória (estes locais foram mencionados por um único usuário entrevistado). No entanto, quando perguntados, de forma ampla, "Por onde você circula com

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

mais frequência?", suas respostas incluíram outros locais, que abrangem também seus circuitos de lazer, que compreendem locais de consumo de drogas e de refeições (no Comércio, por exemplo, eles encontram restaurantes populares baratos, considerados como um lazer).

Enquanto os usuários da Preguiça recolhem materiais recicláveis em algumas áreas do Centro, os usuários do Pela Porco realizam essa atividade nos bairros do entorno, como Vila Laura, Matatu, Barbalho, Caixa d'Água, Rótula do Abacaxi, Luís Anselmo, Brotas, Barros Reis, entre outros. Neste circuito, funcionam dois ferros velhos. Estes são pontos centrais das cenas de uso, pois é neles que os usuários podem vender, geralmente ao longo das 24 horas do dia, os materiais recicláveis que recolhem nas ruas. Como esta é uma das poucas atividades que eles podem exercer (para além de cuidar de carros, capinar quintais ou carregar peso), os ferros velhos congregam os usuários, tornando-se centros ao redor dos quais muitos deles orbitam. Costumam funcionar também como referenciais afetivos e familiares para os usuários.

O Ferro Velho da Preguiça funciona há muito tempo na área, mesmo tendo mudado de local algumas vezes. Há poucos anos, ele se localizava perto da Avenida Contorno, ao lado da ladeira, vizinho ao bar de Paulo Rasta; hoje, funciona no sopé da ladeira, ao lado da escadaria, e está arrumado e limpo. Embora um de seus donos tenha nascido e sido criado na área, ele é administrado por Tonho, que trabalha no ramo há décadas, conhece todos os usuários e, mesmo sendo ríspido com eles, é tratado como "painho". Há sempre usuários dentro e fora do Ferro Velho, vendendo material reciclável, dormindo ou fumando crack. Tonho permite que algumas usuárias possam usar o banheiro do local.

O Ferro Velho do Pela Porco funciona desde meados da década de 1990. O dono herdou o negócio do pai e mantém boas relações com os usuários e o entorno. Ele administra o negócio sozinho, contratando mediante diárias pessoas para trabalhar na separação do material, que fica muitas vezes exposto de maneira desordenada e à mercê das intempéries climáticas. Sua função

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

é efetuar os pagamentos e estar sempre atento à balança e ao estado do material que compra. Diferentemente da Preguiça, no Ferro Velho do Pela Porco não há espaço para os usuários transitarem em seu interior. O dono é identificado como "pai" pelos usuários, pois encontram nele uma forma de escuta paciente, um suporte para guardar documentos e manter contato com a família através de seu celular, assim como, em muitas ocasiões, obter dinheiro emprestado sob condições específicas.

Em ambos os casos, os perímetros percorridos pelos usuários na atividade de recolhimento são próximos à cena de uso. Esta proximidade não se explica apenas por uma questão de comodidade, ela advém principalmente da divisão de territórios do tráfico entre "facções". Como grande parte dos usuários está, de alguma maneira, envolvida com o comércio de drogas, seja como devedores, seja como trabalhadores da "guarita"[15], eles só podem transitar nos bairros da mesma "facção". Assim, em que pese os usuários serem umas das figuras mais errantes da cidade, trata-se de "mobilidades gerenciadas", por conta das fronteiras impostas pelo "varejo"[16] local. Como menciona Mbembe (2019), a limitação de trânsito, mobilidade e liberdade é um traço característico dos grupos sociais estigmatizados, sobretudo as populações negras, pobres, marginalizadas e vulnerabilizadas socialmente em contextos urbanos. A sua mobilidade deles limitada ora pelo trabalho no "mundo do crime" (Melo, 2016, p. 24), ora por desentendimentos que os obrigam a deixar territórios iniciais e se re-territorializarem em outros. O fato dos usuários catadores do Pela Porco só venderem seus materiais recicláveis no Ferro Velho do local pode ser um indício da "mobilidade gerenciada" a que estão submetidos.

Pergunta	**Pela Porco (18)**	**Preguiça (20)**

[15] Os trabalhadores da "guarita" exercem a vigilância da movimentação de tudo e todos que entram e saem do território psicotrópico, passando as informações para quem está na parte de dentro, funcionando como porteiros ou vigilantes.

[16] Varejo é como os trabalhadores dos serviços se referem ao tráfico de drogas nas cenas de uso.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Quais são as suas 2 principais ocupações? (múltipla escolha)	12 catador 8 prestação de serviços (descarregar caminhão, carregar compras, material de construção, jogar lixo, comprar produtos, separar material no ferro velho etc.). 3 "guarita" 2 prostituição 1 faxina 1 trança	14 catador(a) 2 cuidador de carros 3 prostituição 8 pedir dinheiro 13 prestação de serviços (ajudante de pedreiro, feira, capinagem, faxina, quintal etc.) 2 assalto
Por onde você circula com mais frequência? (múltipla escolha) principais	18 Pela Porco 2 Pelourinho 2 Comércio 1 Itapuã 1 Beiru 1 Barra 1 Pituba 1 Brotas 1 Pau Miúdo 3 Outros	19 Preguiça 9 Comércio 5 Gamboa 4 Piedade
Se for catador, onde vende o material reciclável?	12 Ferro Velho do Pela Porco (Não houve citação de outro ferro velho, já que as outras 6 pessoas não trabalham como catadoras)	6 Ferro Velho da Preguiça 8 Outros ferros velhos do Centro
Em quais locais você realiza essas atividades? (principais locais citados)	1 Brotas 6 Sete Portas 3 Vila Laura 1 Caixa D'Água 1 Cidade Nova 1 Barros Reis 1 Rotula do Abacaxi 1 Luís Anselmo 3 Entorno do Pela Porco	6 Lapa 6 Preguiça 6 Centro

Tabela 3. Questionário aplicado na Preguiça e no Pela Porco. Fonte: Elaboração das autoras, 2025.

Na Preguiça, 15 dos 20 usuários entrevistados responderam ter sido alvo de violência no local. No Pela Porco, 10 dos 18 entrevistados relataram a mesma experiência. A polícia é sempre a mais citada como responsável pela violência. A mesma situação foi encontrada por Marco Silva (2013) na cena de uso do Areal da Ribeira: 85,7% dos entrevistados relataram ter sido submetidos a alguma forma de violência, principalmente nas mãos da polícia.

No Pela Porco, 8 usuários disseram nunca ter sofrido violência, sugerindo que a tranquilidade do ambiente ("no Pela, é tranquilo, tudo paz, é de boa") ou a sua própria boa conduta ("me dou bem com todo mundo, ando certo, a caminhada é só") seriam responsáveis por não terem sido submetidos a essa experiência. Entretanto, nas entrevistas, foi perceptível a apreensão de vários

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

deles ao responder a esta pergunta. Alguns ficaram em silêncio, outros apenas balançaram a cabeça em sinal positivo ou negativo, sem citar o autor da violência. Estas respostas contrastam com uma das visitas de Edicarla Macêdo da Rocha ao campo, quando encontrou diversos usuários feridos após um "pega"[17] da polícia ou do "varejo". A pesquisadora ouviu relatos de vários usuários que enfrentaram ameaças decorrentes de dívidas pendentes ou por ter "dado um mole"[18] no turno da *"*guarita"; e deparou-se também com mulheres que haviam sido vítimas de agressões físicas ou verbais por parte de seus companheiros, ou que sofriam violência emocional ao serem manipuladas por seus parceiros e exploradas economicamente.

Vale salientar que, tanto no Pela Porco quanto na Preguiça, o tráfico não aparece no relato dos entrevistados, apenas a polícia e outros usuários. Provavelmente, o fato de os questionários terem sido aplicados em ambiente externo tenha deixado os usuários inseguros quanto ao sigilo das informações ou apreensivos de suas respostas serem ouvidas por terceiros, o que poderia reverberar de modo negativo dentro da cena.

Pergunta	**Pela Porco (18)**	**Preguiça (20)**
Você já foi alvo de violência na Preguiça ou no Pela Porco?	10 sim 8 não	15 sim 5 não
(se sim) De quem? (múltipla escolha)	6 outros usuários 5 polícia 7 não quis responder	12 polícia 9 outros usuários 4 moradores

Tabela 4. Questionário aplicado na Preguiça e no Pela Porco. Fonte: Elaboração das autoras, 2025.

OS ARRANJOS ESPECÍFICOS DA PREGUIÇA E DO PELA PORCO

Baseando-nos em Alvito (2001, p. 52-3), propomos entender os bairros populares da Preguiça e Pela Porco como "planos organizacionais" nos quais se articulam de maneiras específicas os planos micro locais ("pedaços") e locais (rede de relações de laços de parentesco, amizades,

[17] Levar um "pega" significa levar uma surra de maneira bastante violenta.

[18] "Dar mole" quer dizer que a pessoa não cumpriu com algum acordo ou regra, ainda que seja de modo inconsciente.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

parentela ritual e vizinhança), e estes com as “estruturas supralocais” (Estado, mídia, partidos políticos, polícia, ONGs etc.). Vale salientar que as igrejas e o tráfico de drogas podem ser considerados estruturas intermediárias, entre o local e supralocal, devido à esfera decisória se encontrar fora da localidade, mas seus membros serem da localidade.

A Preguiça e o Pela Porco apresentam arranjos específicos no nível micro local e local e entre estes e as estruturas supralocais e intermediárias. São estas especificidades, sobretudo, o que explica as diferenças entre os dois bairros e os territórios psicotrópicos de seu interior. Do lado da Preguiça, temos uma comunidade pequena, antiga, unida e forte; com uma organização comunitária, articulada com diversos movimentos sociais, que reivindica e negocia com os poderes públicos; o Estado não está presente diretamente no território, que se configura como um espaço no qual se vende e consome drogas, mas em que o tráfico tem autoridade para reger a vida da população. Trata-se de um território psicotrópico inserido em um território comunitário, em que os usuários e as cenas se ajustam, na medida do possível, às demandas dos moradores. O Pela Porco, por sua vez, é um bairro maior, mais recente e, desde os anos 2000, com coesão e lideranças enfraquecidas. Sem uma organização coletiva coesa e que represente, de fato, a comunidade, sem articulação com outros movimentos sociais e sem negociação com o Estado, o tráfico assume um papel hegemônico na área. Ali, onde o território psicotrópico se alastra sem barreiras suficientemente fortes, usuários, cenas e moradores seguem as ordens do tráfico.

Pergunta	**Pela Porco (18)**	**Preguiça (20)**
Existem diferenças entre Preguiça/Pela Porco e esses outros locais? (Se sim) Quais são essas diferenças?	10 sim. A segurança 8 não	8 sim. A segurança 11 não 1 não se aplica
Quando você passou a frequentar a Preguiça/Pela Porco?	2 entre 1990 e 2000 4 entre 2001 e 2010 12 depois de 2010	5 antes da década de 1990 6 entre 1990 e 2000 4 entre 2001 e 2010 5 depois de 2010

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Você se considera morador(a) da Preguiça/Pela Porco?	15 sim 3 não	12 sim 8 não
Como você avalia essa relação com os moradores?	18 boa	16 boa 4 ótima
Recebe ajuda da comunidade? (Se sim) Que tipo de ajuda recebe da comunidade? (múltipla escolha)	4 sim 14 não água (2 de 4), comida (2 de 4), roupa (4 de 3) remédio (1 de 4)	15 sim 5 não água (15 de 20) comida (13 de 20)
Você presta algum serviço para os moradores? (Se sim) Qual(ais)?	12 sim 6 não	13 sim 7 não

Tabela 5. Questionário aplicado na Preguiça e no Pela Porco. Fonte: Elaboração das autoras, 2025.

Na Preguiça, o nível local e micro local se confundem por se tratar de um bairro de dimensão modesta, com uma topografia peculiar. Como já foi ressaltado, trata-se de um bairro pequeno, que se ergue ao redor de uma ladeira. Os moradores circulam por ela constantemente, subindo ou descendo, em seus trajetos diários para trabalhar, fazer compras ou manter contatos com parentes e vizinhos. Os usuários fazem o mesmo percurso o tempo todo, pois o Ferro Velho (onde conseguem dinheiro) e a Fonte da Preguiça (onde tomam banho) se encontram no sopé, e a Igreja Cristolândia (onde fazem refeições) e as ruínas e escadarias (onde consomem crack) se localizam no cume e no sopé. Por outro lado, este nível local está marcado, também, pela antiguidade dos moradores e o grau de parentesco entre eles. Muitas famílias moram na Preguiça há muitos anos: quase a metade dos responsáveis e corresponsáveis pelas unidades familiares (37 dos 95) é “nascido e criado” na Preguiça; dentre os que não nasceram no bairro, 10 foram, contudo, criados nele. Por outro lado, 49 dos entrevistados possuem entre uma e três gerações da família morando na Preguiça, sendo o tempo médio de moradia no local de 37,5 anos. Acrescente-se o fato de muitos casamentos acontecerem entre vizinhos, o que acaba gerando laços de parentesco sanguíneo, além do parentesco ampliado (quando o parente de um parente é considerado também parente) ou por consideração (por ocupar papéis tais como mãe, avó ou tia, sem sê-lo).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Uma segunda característica do nível local da Preguiça é a autodefinição de seus moradores como pertencentes a uma comunidade, entendendo-a como uma família. Os moradores se veem como família porque se ajudam mutuamente sempre que necessário. O depoimento de Rosa é eloquente e esclarecedor da diferença entre comunidade e bairro: "Aqui, se der uma dor, o morador socorre. Nos bairros, nem um copo d'água ninguém dá não! Aqui, se der uma dor, os vizinhos socorrem. Se chegar e disser 'ó fulano, me dê um pedacinho de cebola!', o vizinho dá. E no bairro? Nem um copo d'água não dão, meu filho! Aqui não me tratam como em um bairro grande. Não vou mentir". Na Preguiça, o que une seus moradores é muito mais forte do que o que os separa.

Para além de uma família, a comunidade da Preguiça é também uma organização local. Em 2013, um grupo de moradores formou o Centro Cultural Que Ladeira É Essa?, que desenvolve atividades artísticas, esportivas e de formação (especialmente voltada para as crianças e jovens da Ladeira). Esta organização se articula em diversas frentes com as estruturas supralocais: para a sobrevivência diante de catástrofes (como na pandemia da COVID 19), para a visibilidade da Ladeira em eventos culturais (como o bloco pré-carnavalesco Banho de Mar à Fantasia) ou para pintura de fachadas e grafite. No nível supralocal, a organização da Preguiça forma parte do movimento Articulação do Centro Antigo de Salvador, que reúne diversas organizações que lutam pelo direito a permanecer morando no Centro da cidade. Assim, as organizações da Ladeira se relacionam com instâncias supralocais tais como a Prefeitura de Salvador, o Ministério Público, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Universidade Federal da Bahia (UFBA), ONGs ou associações (ligadas ao movimento negro, por exemplo), o Governo do Estado etc[19].

[19] É necessário ressaltar, porém, que a articulação tende a partir da Preguiça, que, através de sua organização, procura estes órgãos, pois nenhum deles está presente no bairro.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Estas características no nível da localidade – pequena, familiar, antiga, autopercebida como comunidade, com organização local – e sua articulação com as estruturas supralocais nos ajudam a entender os traços peculiares do tráfico e dos usuários na Preguiça. Comecemos pelo tráfico. Na Preguiça, ele não age ou se impõe como se estivessem atuando em um vácuo organizacional ou institucional: os "caras" (chefes locais do tráfico) são parte da comunidade (nascidos e criados nela), comandam uma boca relativamente pequena e pobre[20] e têm de lidar com moradores organizados no nível local e supralocal. Nesse contexto, o tráfico não domina o bairro, mas participa de um território que é comunitário, fazendo acordos tácitos com os moradores. Por isso, Suzany afirma que, na Preguiça *"*há tráfico, mas ela não é do tráfico". O tráfico não abre ou fecha o bairro segundo suas próprias regras e os enfrentamentos entre policiais e traficantes não são, nos últimos tempos, tão frequentes ou violentos (8 dos 20 usuários entrevistados na Preguiça disseram ser um local seguro porque as investidas policiais são menos frequentes). A maioria enxerga a Preguiça como um território no qual se pode entrar e sair, sem maiores problemas. Esta característica explica igualmente por que somente 12 dos 20 usuários entrevistados na Preguiça se consideram moradores do local: na medida em que se trata de um território comunitário, e não apenas psicotrópico, podem circular por ele usuários de diversos tipos. Há aqueles que frequentam sempre (moradores), os que frequentam com certa regularidade e os que frequentam esporadicamente. O primeiro grupo é formado por "nascidos e criados na Preguiça", que mantêm uma relação muito próxima com os moradores; o segundo grupo se compõe dos usuários conhecidos pelos moradores, inclusive pelos seus nomes, com os quais não há intimidade ou amizade, mas há confiança; e o terceiro grupo é formado pelos

[20] Os moradores fazem questão de frisar que, em termos comparativos, a Preguiça é muito menos violenta do que outros lugares da cidade. Na Preguiça, dizem, não há tiroteios, não há toques de recolher e os traficantes não andam armados. É uma "boca de papelão", no sentido de ser pequena e fraca se comparada com outras que envolvem muitas pessoas e são fortemente armadas para enfrentar a polícia.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

usuários visualmente reconhecidos, porém com os quais os moradores não estabelecem relações.

Em segundo lugar, as características da localidade da Preguiça explicam também as ações dos usuários na Ladeira. Se todos sobem e descem por ela o tempo todo, todos se veem e se vigiam. O comerciante Paulinho é claro nesse sentido: “se eles desrespeitarem, uma ação tem uma reação. Alguém vai se manifestar na defesa das pessoas. Então, eles, já conhecendo esse histórico, sabendo que é uma comunidade pequena e que é muito autoprotetora uns dos outros, eles não agem dessa maneira, procuram sempre agir de forma respeitosa”. Por outro lado, o agir controlado dos usuários por parte dos moradores advém, também, do fato de haver vários usuários que são “crias” da Preguiça. Com eles, os moradores mantêm uma relação de grande familiaridade, consideração especial, mas também uma severidade e maior exigência de bom comportamento: 16 de 20 entrevistados responderam ter uma boa relação com os moradores; foram precisamente os “crias” os mais críticos da relação com eles.

Entretanto, a relação entre moradores e usuários não é apenas de controle. Há também muita reciprocidade, que decorre do tempo prolongado frequentando a Ladeira: é expressivo que 16 de 20 usuários tenham afirmado manter uma boa relação com os moradores. Acreditamos que essa valorização positiva seja uma consequência do tempo de interação: um pouco mais da metade (11 dos 20) frequenta o local desde antes dos anos 2000, isto é, percorrem as mesmas ruas e veem os mesmos moradores há mais de 25 anos. Considerando a proximidade que o sobe-e-desce da Ladeira promove entre usuários e moradores, a relação entre eles, na Preguiça, é de reciprocidade: os moradores ajudam os usuários com doação de água e comida (15 de 20 disseram receber ajuda da comunidade), mas também servindo de contato com os parentes mais próximos ou contornando brigas; os usuários, por sua vez, ajudam os moradores prestando serviços (13 dos 20 respondentes afirmaram prestar serviços diversos aos moradores), mas

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

também oferecendo proteção em horários de trânsito perigoso, carregando as sacolas de compras, capinando quintais ou levando recados.

Os pactos entre moradores e usuários são fruto dessa relação de reciprocidade. Um dos mais importantes é que o consumo tem de ser discreto, longe das crianças e jovens. Essa é uma preocupação e uma cobrança constante que eles respeitam, na maior parte do tempo. Nas palavras de Geovana, moradora da Preguiça: "Eles não usam droga aqui na minha porta. Se a gente chegar aqui na janela, reclamar com eles, se eles estiverem aqui, dizem 'Ô, desculpa aí', 'me perdoe', 'não faço mais'. Isso são os usuários". Outro acordo é não mendigar ou perturbar os frequentadores da Ladeira da Preguiça: "eles não agem dessa maneira, procuram sempre agir de forma respeitosa, principalmente com os nossos visitantes, porque a gente tem uma preocupação com as pessoas que nos visitam, a gente fala: 'Ô! Não mexa com ninguém aqui'[...]. Você pode subir aí que raramente alguém vai estar lhe pedindo alguma coisa ou lhe seguindo com o 'Ô tia, me dê isso', 'Ô tia, me dê aquilo'" (Paulinho).

Vejamos agora as peculiaridades da localidade e as relações supralocais do Pela Porco. Comecemos pela questão topográfica. A comunidade do Pela Porco se ergueu na década de 1960 em uma colina. A cena dos usuários se concentra na parte baixa, o que significa que a relação entre usuários e moradores é menos intensa e frequente do que na estreita Ladeira da Preguiça. A distância entre cena e moradores permite uma separação física e simbólica entre eles. Todos os 18 usuários do Pela Porco entrevistados afirmaram haver relações entre eles e os moradores. Porém, trata-se quase exclusivamente de relações de prestação de serviços, mediadas pelo dinheiro: carregar compras de mercado, fazer carreto de material de construção, faxinas, recolher e jogar o lixo ou lavar roupas. Enquanto 12 disseram prestar serviços, apenas 4 afirmaram receber ajuda dos moradores.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Uma segunda característica da localidade do Pela Porco é a perda da força da organização comunitária e a autopercepção de uma desagregação por parte dos moradores. Em *A agonia da fome*, um dos trabalhos mais importantes sobre o Pela Porco, Maria do Carmo Freitas (2003, p. 75) narra as transformações por que passou a localidade nos anos 1990. A autora conheceu o Pela Porco ainda na década de 1980: era um bairro aguerrido, engajado na luta pela urbanização, como muitos outros de Salvador. Porém, quando a autora retornou, na década seguinte, identificou uma mudança significativa entre os moradores, "já não se reconhecendo como comunidade, dada a violência exacerbada dentro e fora de suas moradas" (ibid., p. 65). O medo tomou conta do bairro: "o sentimento de medo por parte dos moradores da presença ostensiva e violenta da polícia em dias de terças e sextas-feiras, e os tiroteios dos conflitos entre os grupos do comércio das drogas, que transformam as ruas em desertos, em pleno dia". Sua pesquisa teve de tomar outros rumos: "deixei o campo por solicitação dos traficantes, cuja ordem de afastamento tornou-se ainda mais clara no dia seguinte ao assassinato de cinco meninos, dentro do bairro, tidos como devedores de crack" (ibid., p. 67- 68). Na opinião de Freitas, a presença ostensiva do tráfico de drogas no Pela Porco teve como origem "o fim do movimento social reivindicativo em 1992". Vale salientar que a pesquisadora, Edicarla Macêdo da Rocha, nunca subiu a "favela"[21] do Pela Porco.

Ao passar de comunidade a "favela", o tráfico pôde tomar conta da gestão do bairro. Apesar da grande maioria dos moradores não fazer parte do chamado mundo das drogas, o bairro inteiro assume a denominação de território psicotrópico por não haver uma resposta interna capaz de oferecer outro discurso e imagem. Vejamos alguns números: 10 dos 18 usuários disseram que o Pela Porco é diferente de outras localidades porque ali eles sentem a segurança oferecida pelo tráfico; por outro lado, a totalidade dos catadores do Pela Porco vende seu material no Ferro

[21] Colocamos a palavra entre aspas para ressaltar que se trata de uma forma nativa dos interlocutores se referirem ao Pela Porco.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Velho do local, mas o recolhe nos bairros residenciais próximos (não no Centro). Podemos dizer, assim, que o Pela Porco é um território mais fechado, onde o tráfico controla mais firmemente suas entradas e saídas.

Na Preguiça, tráfico e moradores são vizinhos de longa data, se conhecem, se relacionam e, principalmente, respeitam os espaços uns dos outros. Recordemos a frase de Suzany, que distingue as situações de haver tráfico e ser do tráfico. Na Preguiça, embora haja tráfico, este e a comunidade convivem de forma "tranquila". Uns não interferem nos negócios nem no cotidiano e nas atividades dos outros. No Pela Porco, o cenário é diferente. O tráfico de drogas é quem, em grande medida, organiza, gerencia e controla os espaços que compõem o bairro, determinando quem pode ficar e em quais condições, não apenas na cena de uso como também na "favela".

Tanto na Preguiça quanto no Pela Porco há cenas de uso, há pistas e alguns usuários prestam serviços ao tráfico como "aviões"[22], para quem passa por ali para adquirir a droga, mas não quer ou não pode "subir a favela"[23]. Entretanto, o Pela Porco é um território gerido pelo tráfico, enquanto a Preguiça se estrutura nos acordos entre a comunidade e o tráfico.

No que se refere aos arranjos específicos entre localidade e supralocalidade, no Pela Porco estão presentes cotidianamente diversas instâncias supralocais. São vários os "burocratas da linha de frente ou da rua" (Oliveira, 2012), isto é, os funcionários do Estado que executam na ponta as políticas públicas. Em contraste com a Preguiça, há no Pela Porco um monitoramento mais intenso e direto por parte do Estado, que chega de modo emblemático na forma de repressão e cuidado mediante diversos órgãos.

[22] "Aviões" são os usuários que compram a droga para outros, em troca de dinheiro ou drogas.
[23] "Subir a favela" significa adentrar no bairro popular para comprar a droga para outrem, que no momento não pode ou não quer chegar até o local de venda.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

No cuidado, podemos destacar, em primeiro lugar, os serviços prestados pelos trabalhadores de programas como o Corra pro Abraço e as equipes do Serviço Especializado de Abordagem Social (SEAS), que executam a política de Assistência Social, disponibilizando vagas de abrigo nas Unidades de Acolhimento Institucional (UAI), além de fazer encaminhamentos para o acesso a outros benefícios sociais. Estes atores institucionais têm presença ativa todos os dias no território, construindo vínculos, encaminhando as demandas e tentando convencer os usuários a procurarem unidades de acolhimento. Os funcionários "da linha de frente" não se relacionam diretamente com o tráfico, mas têm seu trabalho afetado pela ação dele, pois é este que autoriza ou não os usuários a acessarem os serviços. Em segundo lugar, estão *in loco* as equipes de saúde formadas por profissionais de múltiplas áreas, que fazem pequenos curativos, fortalecem os acompanhamentos de saúde, registram quais são as doenças e infecções presentes naquela população, sustentando desta forma os dados governamentais acerca dos problemas e das condições de saúde daquele grupo, através, principalmente, das equipes do programa Consultório na Rua. Em terceiro lugar, estão as equipes multidisciplinares que oferecem assistência e acesso à justiça, que articulam o cuidado com as equipes anteriores e mantêm o Estado informado sobre as principais demandas da localidade, fornecendo, igualmente, dados sobre o perfil dos usuários e do território por meio de relatórios. Em quarto lugar, devemos mencionar a presença diária das equipes de limpeza, que têm a função de retirar todo o "lixo" acumulado ao longo da marquise, ação que conta com a empresa de limpeza urbana e da Guarda Civil Municipal, que garante a "tranquilidade" e "sucesso" da ação.

A repressão é realizada pelos membros das instituições de segurança pública: os policiais (Civil, Militar e Guarda Civil Municipal), que protagonizam a política de guerra às drogas determinada pelo Estado[24], cuja ação visa eliminar a droga através dos sujeitos, o que promove ações

[24] A política de guerra às drogas é um modelo importado dos Estados Unidos para combater o aumento do uso de substâncias psicoativas ilícitas, sobretudo crack e cocaína. Tal modelo inclui leis mais severas relacionadas ao uso e venda de drogas e tratamentos baseados na abstinência. Como efeito desta política temos a criminalização da

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

violentas contra os usuários na tentativa de encontrar drogas ou informações acerca da organização do tráfico local. A Guarda Civil Municipal e as polícias se fazem presentes com frequência e mantêm relações e interações distintas, tanto com os usuários da "pista" quanto com os traficantes que organizam o mercado de drogas local.

Todas estas estratégias do Estado estão presentes no Pela Porco, tratadas genericamente como políticas públicas, que mediam o acesso a direitos de pessoas que se encontram em situação de precariedade social e econômica. Foram movimentos da sociedade civil organizada que, na história recente, obrigaram o Estado a criar mecanismos e ações públicas para atender de forma localizada a grupos específicos ou, de forma ampla, a qualquer cidadão, como é o caso da Política Nacional para a População em Situação de Rua (decreto 7053/2009), a Política Nacional de Assistência Social (1998) e o Sistema Único de Saúde (1988). Elas são concretizadas mediante os executores da linha da frente que representam "o Estado perante o cidadão" (Araújo Filho, 2014; Oliveira, 2012).

PALAVRAS FINAIS

A presença e circulação de usuários, a venda de substâncias psicoativas e o seu consumo no local são característica de um território psicotrópico. Estes, como vimos nestas páginas, têm várias semelhanças entre si: localizam-se nas margens ou entre espaços (o antigo e o novo, o residencial e o comercial, a "favela" e a avenida); partilham históricos de marginalização e estigmatização; contam com a presença de ferros velhos, locais onde se assear, igrejas que doam marmitas e oferecem salvação; e pequenos comércios com os quais os usuários mantêm

pobreza a partir da associação de algumas drogas a um determinado grupo social (negros, pobres, moradores de bairros violentados) e um aumento da população carcerária (Malheiro, 2020).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

relações mais ou menos próximas. Os usuários são personagens visíveis e fundamentais destes territórios e mantêm com eles, apesar de tudo, um sentimento de pertencimento e familiaridade.

A despeito destas semelhanças, as diferenças entre os territórios psicotrópicos são muitas, a começar pela mais aparente: a visibilidade. Na Preguiça, a cena de uso se localiza nas margens, nas ruínas da Gameleira ou na parte baixa da ladeira. No Pela Porco, a cena é totalmente exposta, de difícil disfarce, apesar dos esforços dos usuários que se protegem dos olhares das pessoas construindo "malocas" com lençóis e outros materiais reciclados.

Outra diferença é menos aparente, porém estruturante: o peso da autoridade do tráfico. Na Preguiça, o tráfico convive com uma força igualmente potente: a comunidade unida, organizada, articulada, que busca abrir o território à cidade, mostrar a Preguiça e a sua arte. No Pela Porco, o tráfico convive não com a comunidade, mas com diversas instituições públicas (estaduais ou municipais), intensamente presentes no local. Se no cotidiano da Preguiça o bairro não se confunde com o território psicotrópico (pistas e cenas), no Pela Porco o território psicotrópico ofusca o bairro, encobre-o após ter enfraquecido a organização e a união dos moradores. Como bem descreve um dos interlocutores: "aqui é droga o dia todo, não tem outro assunto".

Assim, o resultado que nos parece mais relevante desta pesquisa comparativa tem a ver com o impacto da comunidade local sobre a vida nos territórios. A partir dos dados apresentados nessa pesquisa, nos parece evidente que as políticas públicas, se pretendem promover a "pacificação", antes de ações policiais, deveriam fortalecer a organização das comunidades. Não apenas para se contrapor à hegemonia do tráfico e à violência dela decorrente, mas, também, para pensar políticas de redução de danos a partir e com o território comunitário. Com o apoio dessa organização, seria possível garantir políticas efetivamente humanas, de respeito e solidariedade.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

Recebido para publicação em 08/07/2025.
Aceito para publicação em 11/05/2026.
Editor Chefe: Renato Francisquini Teixeira

DISPONIBILIDADE DE DADOS:

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA:

Urpi Montoya Uriarte - Conceitualização; Curadoria de Dados; Análise formal; Investigação; Netodologia; Administração do projeto; Supervisão; Validação; Visualização; Escrita – esboço original; Escrita – revisão e edição.

Edicarla Macêdo da Rocha - Curadoria de Dados; Análise formal; Investigação; Metodologia; Validação; Escrita – esboço original.

CONFLITO DE INTERESSE

Os(as) autores(as) declaram que não há conflito de interesse.

Referências

ALVES, Y. Jamais fomos zumbis: Contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo. Salvador: EDUFBA: Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD), 2017. 350 p.

ALVITO, M. As cores de Acari: uma favela carioca. Rio de Janeiro: FGV, 2001. 308p.

ARAÚJO FILHO, T. Burocratas do Nível de Rua: uma análise interacionista sobre a atuação dos burocratas na linha de frente do Estado. Áskesis-Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, v. 3, n. 1, p. 45-45, 2014.

A TARDE. Bahia: Grupo A Tarde, n. 31.777, ano 88, 11 mai. 2000.

BECKER, H. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 232 p.

FERNANDES, J. Actores e territórios psicotrópicos. Etnografia das drogas numa periferia urbana. 1997. 497 p. Tese (Doutorado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Porto.

FERNANDES, J.; MATA, S. Revisitação aos atores e territórios psicotrópicos do Porto. Olhares etnográficos no espaço de 20 anos**.** Civitas, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 195-212, jan./abr. 2019. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/30648 Acesso em: 04.01.2025.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

FREITAS, M. Agonia da fome. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Salvador: EDUFBA, 2003. 281 p.

GORDILHO, A. Ocupação urbana e habitação. In: GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, ERCAS. Centro Antigo de Salvador; Plano de Reabilitação Participativo. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2010.

IBGE. Censo Demográfico 2022 Favelas e Comunidades Urbanas: resultados do universo. 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102170.pdf Acesso em: 25.04.2025.

MALHEIRO, L. Entre sacizeiro, usuário e patrão: um estudo etnográfico sobre consumidores de crack no Centro Histórico de Salvador. In: MACRAE, E. et al. (org.). Crack: contextos, padrões e propósitos de uso. Salvador: EDUFBA, Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD), 2013. p. 223-314.

MALHEIRO, L. Tornar-se mulher usuária de crack: trajetórias de vida, cultura de uso e política sobre drogas no centro de Salvador, Bahia. 2018. 291 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Bahia.

MALHEIRO, L. Tornar-se mulher usuária de crack: cultura e política sobre drogas. Rio de Janeiro: Telha, 2020. 380 p.

MBEMBE, A. A ideia de um mundo sem fronteiras. Blog Serrote. Instituto Moreira Sales. 2019. Disponível em: https://revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/ Acesso em: 19.11.2019.

MELO, T. H. Mundos que refugam, ruas como refúgio: reconfigurações no perfil social da população em situação de rua. Revista Florestan, Ano 3, n. 5, p. 10-31, 2016.

MONTOYA URIARTE, U. Os tempos da Ladeira da Preguiça: etnografia de longa duração de uma micro-localidade do Centro Histórico de Salvador. Revista de Antropologia, 65 (1), p. 1-35, 2022. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/192795 Acesso em: 05.01.2025.

MONTOYA URIARTE, U. Mobilidade e território. Uma análise destes temas entre os usuários de crack que frequentam a Ladeira da Preguiça, no Centro de Salvador. In: MONTOYA URIARTE, U.; MULLER, C. (org.). Antropologia da mobilidade e dos territórios em contexto urbanos. Salvador: EDUFBA, 2024. p. 207-243.

MONTOYA URIARTE, U. Fazer bairro popular. Sobre as práticas do “prazer em alterar as regras do espaço opressor”. Ponto Urbe. No prelo, 2025.

MONTOYA URIARTE, U. et al. Dados socioeconômicos da comunidade da Preguiça. O Censo da Gente e para a Gente. Relatório do Grupo Panoramas Urbanos. Mimeo. Salvador, 2020a. Disponível em: https://panoramasurb.wixsite.com Acesso em: 05.01.2025.

MONTOYA URIARTE, U. et al. Cartilha do Censo da Gente e para a Gente, Mimeo, Salvador, 2020b. Disponível em: https://panoramasurb.wixsite.com Acesso em: 05.01.2025.

MONTOYA URIARTE, U. et al. Habitantes da Preguiça. Comunidade, moradores, usuários e território no Centro de Salvador. Salvador: EDUFBA, 2023.

OLIVEIRA, A. Burocratas da linha de frente: executores e fazedores das políticas públicas. Revista de Administração Pública, v. 46, p. 1551-1573, 2012.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17009

RAUPP, L.; ADORNO, R. Territórios psicotrópicos na região central da cidade de Porto Alegre, RS, Brasil. Saúde e Sociedade, v. 24, p. 803-815, 2015.

ROCHA, E. Mulheres vulnerabilizadas: percepções de violência em contexto de rua num território de Salvador/BA. Salvador: Editora Segundo Selo, 2020. 111 p.

ROCHA, E. A Maloca do Pela Porco: dinâmicas de sobrevivência de usuários-catadores num espaço do centro de Salvador. 2024. 186 p. Dissertação (em Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Bahia.

SILVA, M. O crack: uma pedra no caminho. As diferentes formas do uso do crack e sua relação com os riscos e danos sociais à saúde entre moradores do Areal da Ribeira. In: MACRAE, E. et al. (org.). Crack: contextos, padrões e propósitos de uso. Salvador: EDUFBA, Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD), 2013. p. 171-222.

VEZEDEK, L. et al. (org. e revisão). Mapeamento, contagem e caracterização da população em situação de rua em Salvador. Salvador: Centro Projeto Axé, 2023. Disponível em: https://sempre.salvador.ba.gov.br/wp-content/uploads/2024/01/Sumario-Executivo-de-Pesquisa-Censo-POP-Rua-em-Salvador-FINAL-PDF.pdf Acesso em: 10.07.2024.

VILHENA, L. A Bahia no século XVIII. Salvador: Editora Itapuã, 1969. 292 p.

Urpi Montoya Uriarte

Doutora em História pela Universidade de São Paulo. Professora Associada IV do Departamento de Antropologia e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Este trabalho conta com o financiamento do CNPq, na modalidade Pesquisador (PQ2).

Edicarla Macêdo da Rocha

Mestre em Antropologia pela Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia – PPGA/UFBA

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.